



Real
impossivel-
mente,
real

Odara

revista de arte e literatura [vol. 3]

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor

Prof. Dr. Roberto Leher

Diretora da Faculdade de Letras

Profa. Dra. Eleonora Ziller Camenietzki

Chefe do Departamento de Ciência da Literatura

Profa. Dra. Flávia Trocoli

Equipe Odara

Amanda Dib, Beatriz Ramalho, Brena Azevedo, Caíque Gomes, Camila Silva Mendes, Erick Sierpe, Juliana Brandt Alt, Maria Júlia Santana, Pablo Rodrigues, Paula Campello, Ricardo Pinto de Souza, Rafaela Miranda de Oliveira, Suani Tomaz, Thais Lima de Oliveira Santos e William Freitas

Revisão

Amanda Dib, Erick Sierpe, Maria Júlia Santana e Rafaela Miranda de Oliveira

Diagramação

Desalinho Publicações

Agradecimentos

Aos professores Luciana Di Leone e Ricardo Pinto de Souza por acreditarem na revista; aos ilustradores da edição digital: Eugenia Loli, Michel Costa e Thiago Filgueiras e aos colaboradores desta edição: Ana Carolina Meireles, Danilo Godinho, Davi Vasconcelos, Erick Sierpe, Lucas Mertens, Natanael Fernandes, Paulo Torres, Rafaela Nogueira e Robson Deon

Odara

revista de arte e literatura [vol. 3]

**Real
Impossivel-
mente,
real**



Sumário

Apresentação • 8

Equipe Odara

Editorial • 10

Equipe Odara

A Criação, o Herói e a Tragédia em Tolkien • 13

Davi Vasconcelos

Persona: faces de Bergman • 25

Ana Carolina Meireles

A chave • 32

Paulo Torres

O trabalho de morte • 39

Lucas Mertens

O guardião • 40

Danilo Godinho

O pesadelo de um noite sem descanso • 48

Erick Sierpe

O *Bairro*, de Gonçalo M. Tavares, que parte dos mundos de Borges • 52

Natanael Fernandes

A morte de um chinelo • 68

Robson Deon

Poemas • 73

Rafaela Nogueira

Apresentação

Equipe Odara

A revista *Odara* é uma edição trimestral, dedicada a discussão, pensamento e arte, mantida e editada pelos alunos de Letras da UFRJ. Sua circulação eletrônica é de acesso livre. É uma revista feita por alunos da graduação direcionada a toda a comunidade acadêmica, um espaço para promover os textos acadêmicos bem como as pesquisas realizadas dentro e fora da UFRJ, a fim de fomentar discussões e debates.

Toda a publicação, como a elaboração do tema, preparação de matérias, entrevistas, recebimento e seleção de textos é feita pelos alunos da Faculdade de Letras. Nossa revista tem uma missão com a literatura e a arte, nosso objetivo é dar espaço a novos escritores e fazer com que seus trabalhos sejam conhecidos e divulgados.

Muito sisuda? Não! A *Odara* busca afrouxar essa tênue linha entre a Academia e toda a sua comunidade, mostrando que é possível produzir uma revista plural, tentando agradar todo tipo de público que gosta de uma boa leitura. Recebemos poemas, contos, crônicas, resenhas, textos acadêmicos, quadrinhos, ilustrações, matérias... Toda a revista contará com a contribuição de textos enviados por alunos da UFRJ e de outras universidades acerca de um tema central.

Agora, você deve se perguntar por que *Odara*. Sim, tem a ver com a música de Caetano, com a sonoridade do nome, mas não somente. É a *Odara* da cultura Hindu, do *candomblé* que significa algo infinito, que não tem começo meio e fim. Mas, principalmente o fato do nome não ter um significado direto e claro foi o que nos atraiu, pois assim poderemos construir um ou vários significados para a nossa revista. Adaptando-a sempre ao momento de cada publicação. Muito prazer, somos a *Odara*.

Editorial

Equipe Odara

Agestação de nossa terceira edição foi um pouco mais demorada do que o previsto. No reino animal, por exemplo, a salamandra alpina (“Salamandra atra”), uma espécie de anfíbio que vive no Alpes Suíços, precisa ao todo de 38 meses para que seus filhos cheguem à maturidade plena. Depois de longa espera, menos do que os três anos, podemos dizer: Nasceu! E aqui está o terceiro número da Revista Odara.

Por alguns momentos fomos vencidos pela espera, e chegamos a exaustão. E quando “o deserto da espera” cortava os fios, como nos ensina Clarice, o “telefone tocou”. A Odara se renovou, e agora conta com uma nova equipe, porém, com o mesmo sonho: ser corajosa e audaciosa, forma singular de receber autores grávidos de artigos, resenhas, contos, crônicas, poemas...

Nessa terceira edição deslocamos alguns versos de “Tabacaria”, Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa:

*Real, impossivelmente real, certa,
desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e
[dos seres,
Com a morte a por umidade nas paredes e cabelos
[brancos nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela
[estrada de nada.*

Do mundo da Tabacaria, ao mundo da Fantasia. Partimos de Pessoa para pensar como a literatura especulativa/fantástica pode ter vários tratamentos e abrir diversos cortes de interpretação do mundo. Esse estilo literário tornou-se, por fim, um intrigante objeto de investigação. Como não refletir sobre obras que nos causam estranhamento, como aquela em que Gregor Samsa, em uma certa manhã, se meta-

morfoseou em um inseto monstruoso? Como não pensar no conto surreal Continuidade dos Parques de Julio Cortázar? Como não mergulhar nas realidades criadas por escritores como Isaac Asimov ou Philip K. Dick? Talvez quando o real se torna impossível somente entregar-se ao absurdo, ao exagero, ao novo seja a solução. Provavelmente é em contato com esses elementos que passamos a entender muito mais aquilo que chamamos de realidade e deixamos de ser apenas “cadáveres adiados que procriam” citando ainda Pessoa e mais especificamente Ricardo Reis.

Deslocados os versos de Fernando Pessoa, pensamos então, em um mundo como a Terra Média de J. R. R. Tolkien aqui apresentado no artigo de Davi Vasconcelos intitulado Criação, o herói e a tragédia em Tolkien. Ou que tal conhecermos um pouco mais de Persona, filme de Ingmar Bergman, e sua experimentação de alteridade em uma resenha feita por Ana Carolina Meireles. Podemos soltar as amarras e viajar com Mercosul de Rafaela Nogueira ou olhar criativamente os objetos em A morte de um chinelo, poema de Robson Deon. No conto A chave podemos encontrar um imbricado enredo à la Cortázar escrito por Paulo Torres. O trabalho de morte de Lucas Mertens nos faz refletir sobre o fim da vida, já em O Guardiã temos o relato da modernização por um ângulo um tanto curioso, uma contribuição de Danilo Godinho. O conto de Erick Sierpe, Pesadela de uma noite sem descanso, no transporta para um ambiente onírico, forte e atual. E para fechar com chave mestra o artigo de Natanael Fernandes: “O Bairro” de Gonçalo M. Tavares que parte dos mundos de Borges, uma ponte entre o escritor português e o argentino.

Nasceu! Venha conhecer a nova Odara.

A Criação, o Herói e a Tragédia em Tolkien

Davi Vasconcelos

O criador, a criatura e o tempo são as diretrizes de análise deste artigo. O não dito expresso no *Silmarillion*, obra compeliada por Christopher Tolkien, filho de John Ronald Reuel Tolkien, publicada originalmente em 1977. Eru / Ilúvatar é a divindade, o criador do mundo de Arda, que fora concebido por ele e executado pelas primeiras criaturas, os Ainur / Valar e dentre estes Morgoth / Melkor, o primeiro a se rebelar contra a divindade que o criou, na tentativa de superá-lo.

Dos primeiros filhos de Ilúvatar que chegam para habitar o mundo de Arda, se origina Fëanor, exímio na arte com as pedras e de pensamento astuto mais do que qualquer outro de sua época. É Fëanor que cria as *Silmarills*, três pedras que guardavam a luz das grandes árvores, a dourada que levava a luz do dia e a de prata que trazia luz a noite, antes ainda da existência do sol e da lua. Os homens vêm em seguida, não possuíam os mesmo dons que os Elfos, mas por terem uma vida curta, realizam feitos grandiosos e se tornam heróis, dignos das longas canções.

Dentre os fundamentos do cristianismo no séc. XIII e XIV, postos por Agostinho de Ipona, o tempo e a criação são pilares da agonia. A narrativa judaico-cristã oculta do leitor as formas, entonações, pensamentos e trejeitos dos personagens e propõe um Deus essencialmente misterioso em seus objetivos. A criação parte d'Ele e não há quem possa criar nada fora do que já foi criado por ele.

Dos pontos de intercessão entre a obra de John Ronald Reuel Tolkien e o cristianismo da Idade Média tardia, a criação de Arda é o ponto de maior convergência. A criação nasce do pensamento de Ilúvatar, do verbo não dito que para Agostinho poderia ser uma voz que é dita simultânea e eternamente: “O que é dito, não é uma sequência de palavras, ou uma

palavra ou uma palavra que é seguida por outra, como que a concluir uma frase (...)" (AGOSTINHO 1997, pág.117). Do verbo inalcançável da divindade vem à sacralidade na figura dos primeiros: Os Ainur. Os primeiros seres antes de toda criação. A revelação do tempo como um ser criado fora da própria divindade e a arte como dádiva que representam simultaneamente as limitações da criatura em relação ao criador.

Entretanto, durante muito tempo, eles cantaram cada um sozinho ou apenas alguns juntos, enquanto os outros escutavam; pois cada um compreendia apenas parte da mente de Ilúvatar da qual havia brotado e evoluía devagar na compreensão de seus irmãos. (TOLKIEN 2011, pág. 3)

Ainda que se alegrasse com a música, o criador nada revela aos Ainur fora do tempo; deixando-os experimentar e juntamente com o tempo (ente), evoluir em auto-descoberta até que passam a cantar juntos e em harmonia; não somente a companhia, mas afinados gerando uma melodia uniforme. A evolução nesse aspecto tem um caráter velado, se tornando parte inerente da revelação de Ilúvatar que para a criatura está retida ao tempo. Tornando-se harmoniosos, o criador passa-lhes a propor um tema musical ainda mais belo e poderoso capaz de revelar parte da grandiosidade dos pensamentos de Ilúvatar, deixando ao leitor a percepção de que com o passar do tempo toda criação tende a evoluir tornado-se digna da revelação divina à medida que se tornam harmoniosos enquanto semelhantes.

E aconteceu de Ilúvatar reunir todos Ainur e lhes indicar um tema poderoso, desdobrando diante de seus olhos imagens ainda mais grandiosas e esplêndidas do que havia revelado até então. (TOLKIEN 2011, pág. 3)

Aos primeiros é revelado parte do conhecimento sobre o passado, presente e futuro. A compreensão da criatura tempo é colocada, em parte, dentro do alcance dos Ainur, podendo estes, compreender a simultaneidade dos pensamentos de Eru ao visualizarem o propósito regente de sua própria existência: a habitação dos filhos de Ilúvatar.

Portanto, quando os Ainur os contemplaram, mais ainda os amaram, por serem filhos de Ilúvatar diferentes deles mesmos, estranhos e livres (...)
(TOLKIEN 2011, pág. 7)

Se caracterizam nas fantasias de J.R.R Tolkien, a relação do criador e da criatura nos moldes da narrativa judaico-cristã. O politeísmo não aporta na literatura de Tolkien, antes se dá uma relação feudo-vassálica entre a divindade e os primeiros seres e entre os primeiros, com os filhos de Ilúvatar; mesmo dentro dos filhos da divindade, existem distinções entre os que receberam parte da revelação e os de tempo breve.

Passam os filhos de Eru a serem aguardados com aflição pelos antigos Ainur. Imunes às doenças, imortais e dotados de sabedoria são os primogênitos de Ilúvatar; a imortalidade não representa invulnerabilidade, mas oposição ao tempo passado, incapaz de tocar a beleza e a força dos elfos e

sua sabedoria que evoluía na relação com o tempo presente e futuro.

Imortais eram os Elfos, e sua sabedoria crescia de uma era para outra, sem que nenhuma enfermidade e pestilência lhes trouxessem a morte. (TOLKIEN 2011, pág. 125)

Presos ao tempo breve são os homens, suscetíveis às doenças e de corpo frágil são os segundos, os filhos mais novos da divindade, envelhecem e morrem em sua relação com o tempo, que o autor expressa como uma alegria breve: “(...) sua alegria era a alegria da manhã antes de o orvalho secar, quando cada folha está verde.” (TOLKIEN 2011, pág. 124). O curto tempo dos filhos mais novos de Eru os guia na realização de grandes feitos.

Quando Berén, ao erguer o túmulo de seu pai, jura vingança aos assassinos de Barahir, dá-se o que para Pierre Vernant é a honra na lógica heroica: “(...) tudo ou nada; ela vale fora e acima das hierarquias de posição.” (VERNANT 1978, pág. 36). A perseguição e o ataque desmedido ao acampamento dos assassinos de seu pai apontam a característica inerente ao que se refere aos de tempo breve; Berén recupera o anel de Barahir.

(...) Berén saltou de onde estava atrás de uma rocha e matou o capitão. Tomou-lhe a mão com o anel e escapou, sendo defendido pelo destino, pois os Orcs ficaram desnorteados, e suas flechas não tinham direção. (TOLKIEN 2011, pág. 205)

A solidão de Béren pelos quatro anos que se seguiram, constrói sua fama. Não há temor em morrer, mas em ser preso. O filho de Bahir escapa da morte e dos grilhões, com audácia e desespero. A fama de seus feitos chegou a Morgoth, irmão dos Ainur, decaído, que usurpou uma das Silmarils e a atou em sua coroa. Berén foge em direção ao sul e decide penetrar aonde nenhum homem penetrou se tornando um dos seus feitos grandiosos, mas que o próprio herói a ninguém revela.

Essa viagem não é considerada o menor dentre os grandes feitos de Berén; mas ele não falava a ninguém a respeito dela, para que o horror não voltasse a sua mente. (TOLKIEN 2011, pág. 206)

A glória para o herói, filho de Bahir, não está na predileção pelas canções, pela glória incorruptível, mas na sobrevivência; ainda que tomado pela lógica da honra heroica da narrativa Homérica, são as batalhas pela *psyche* e não a entrega que moldam o herói Berén. Essa recusa fortalece sua glória que está sujeita ao tempo breve e não ganha significado fora dele, contrariando o que Vernant chama de a Bela Morte: “A bela morte também é a morte gloriosa (...). Ela eleva o guerreiro desaparecido ao estado de glória por toda duração dos tempos vindouros (...).” (VERNANT 1978, pág. 32). O caráter de Berén é o ponto de cisão mais íntimo da poesia heróica de Homero com o autor. No fundamento das ações do herói em questão, o encantamento e a paixão são o cerne de um ato magnífico que fora realizado pelo filho de um homem

(...) perambulando no verão pelos bosques de Neldoreth, ele deparou com Lúthien, filha de Thingol e Melian, a certa hora da noite antes do nascer da Lua, quando ela dançava na relva perene nas clareiras junto ao Esgalduin. Nesse instante, toda a lembrança de sua dor abandonou Berén, e ele foi dominado pelo encantamento, pois Luthien era a mais bela de todos os filhos de Ilúvatar. (TOLKIEN 2011, pág. 207)

Ao pedir Lúthien ao rei, Berén vai de encontro não só com sua limitação; homem suscetível a doenças e a morte, depara-se com a imortalidade e sabedoria e além, com a glória que os homens em seu curto tempo desacreditam vislumbrar, e menos ainda possuir. O herói ergue-se em orgulho, não dos seus feitos, mas de sua linhagem e Thingol pede então que Berén He traga uma das Silmarils presas com Morgoth. O pedido do rei não tem práxis na crença dos feitos ou da linhagem do herói, mas no menosprezo que nutre pelos homens.

Traga-me na mão uma Silmaril da coroa de Morgoth. E então, se ela desejar, Lúthien poderá segurar sua mão. (TOLKIEN 2011, pág. 210)

O engaste na coroa de Morgoth era desfeito, não pelo herói solitário que ganha as canções, mas pela decisão de Lúthien, que fora afetada pelo temor da perda de seu amado. A intercessão entre o impossível / possível, o suscetível / imortal, surge na figura de um herói impulsionado pelo que é inerente aos homens e desperta admiração dos primogênitos; o tempo breve. O mesmo que se apresenta para Lúthien não como quem está restrito a ele, mas como ser ciente de sua posição em relação a Berén. O feito magnífico tem em seu ponto

central o tempo em revelação para filha de Thingol e velado ao filho de Bahir, que no amor encontra sua simetria.

Então, Berén conduziu Lúthien até o trono de Thingol, seu pai, que olhou assombrado para Berén, já que o considerava morto (...). Em seguida, ergueu o braço direito (...) abrandou-se então a disposição de Thingol; e Berén sentou diante do trono à esquerda, com Lúthien à direita. (TOLKIEN 2011, pág. 232, 233)

Preso nos picos de Thangorodrim, acorrentado e forçado a assistir seus filhos manifestarem sua força de maneira infeliz, que nas palavras de Aristóteles: (...) *é da ação que depende sua felicidade ou infelicidade.* (ARISTÓTELES 2014, pág. 9). A qualificação de caráter não desvia da criatura as consequências de suas atividades e predileções. Túrin cresceu belo e forte nos palácios de Thingol, mas tomado por uma tristeza; sem conhecimento do paradeiro de seu pai, o filho de Húrin fora enviado ao rei de Doriath. A identificação de Túrin com a representação do caráter paterno e também sua cisão com tal característica, dá-se com a perda de sua irmã, até então do meio.

Uma filha eles tinham também, chamada Lalatih, que significa riso, ela era amada por Túrin, seu irmão. Quando estava com três anos, porém, surgiu uma peste em Hithlum, trazida por um vento nefasto de Angbang, e ela morreu. (TOLKIEN 2011, pág. 251)

Quando provocado por Saeros e ferindo-o gravemente, para além da fúria, Húrin não apresentava revelia aos senti-

mentos que trazia consigo, permitindo-os alterar seu caráter. Do pensamento e do caráter é que se manifestam as ações. A convivência com os primogênitos de Ilúvatar não limpa o conflito pai / filho medonho em Túrin, valendo-se pouco da sabedoria que advém de quem lida com o tempo futuro.

No dia seguinte, Saeros armou uma emboscada para Túrin (...). Túrin, porém, o dominou e o pôs a correr nu (...). Então, Saeros, fugindo apavorado, caiu na ravina de um córrego, e seu coro se partiu numa grande rocha na água. (TOLKIEN 2011, pág. 253)

A fuga precoce passa a ser o cerne dos sentimentos de Túrin; a revelação dos sentimentos, mais do que pavor, aponta o que para o filho de Húrin representa o confronto com o que ele acreditava ser, naquele momento próprio de sua índole. Com a recusa ao perdão de Thingol, Túrin assume um caráter inflexível e orgulhoso, ainda que reconciliando-se com Beleg e tentando-o dissuadir a se juntar a ele e a seus homens, que encontrara na sua fuga.

No orgulho de seu coração, porém, Túrin recusou o perdão do rei; e as palavras de Beleg não tiveram valia para mudar sua disposição. E, por seu lado, ele insistiu com Beleg para que ficasse com ele (...) mas isso Beleg não quis. (TOLKIEN 2011, pág. 255)

Com a permissão do rei, Beleg volta e se coloca ao lado de Túrin. Fidelidade, admiração e amizade impulsionavam Arcoforte em seus conselhos. A morte de Beleg pelas mãos de Túrin o enlouquecera. Compaixão e terror tornam-se mais

uma vez o cerne do filho de Húrin, que por engano matou o segundo a quem mais amou. Mais do que a forma de ser, a maneira de agir é o centro da tragédia segundo Aristóteles: “(...) o fim que se pretende alcançar de uma certa maneira de agir, e não de uma forma de ser.” (ARISTÓTELES 2014, pág. 9). Ainda que tomado pelo medo, os males em seu conflito íntimo, se apoderaram mais uma vez do filho de Húrin.

Túrin ajoelhou-se então e bebeu daquela água. E de repente ele se prostrou, e suas lágrimas afinal se derramaram. (TOLKIEN 2011, pág. 266)

A maldição lançada sobre Húrin traz as consequências de suas atividades ao longo dos anos em que esteve longe de casa. Glaurung, o primeiro dragão, pai de Smaug, o atormenta com mentiras e verdades cruéis e o despertar do filho de Húrin de tal encanto acaba por afetar inocentes hóspedes da casa de seu pai. O poder medonho da personificação da fábula em Glaurung não só no desdobramento, mas como parte integral da desventura dos filhos de Húrin é o que aponta o domínio do gênero pelo autor: “(...) na tragédia, o que mais influi nos ânimos são os elementos da fábula, que consistem nas peripécias e no reconhecimento.” (ARISTÓTELES 2014, pág. 10)

Nienor, porém (...) fez o caminho de volta até Amon Ethir (...) e, olhando para oeste, fitou direto os olhos de Glaurung, cuja cabeça estava pousada no alto da colina. Sua vontade lutou com a dele algum tempo (...) ao descobrir quem ela era, forçou-a a olhar nos seus olhos. Lançou então sobre ela um feitiço de trevas totais e esquecimento, para que ela não se lembrasse de nada que algum dia lhe hou-

vesse acontecido, nem seu nome, nem o nome de nada. (TOLKIEN 2011, pág. 278)

Encontrando Nienor, sua irmã, a quem Túrin não vira crescer, a socorreu. E ela habitou com ele no bosque, e o amor de Turambar por Nienor, agora chamada Níniel, pois já não se lembrava do seu nome, havia crescido e o dela por ele. A sina dos filhos de Húrin é também a sina dos de tempo breve, as paixões e horrores próprios da ausência de sabedoria e de conhecimento em lidar com o passar dos anos. Ainda que subjungando o pai de Smaug, o significado da ação que precede o ser encontra seu ponto de convergência no incesto, mesmo que inconsciente, e na sua revelação.

(...) Glaurung moveu-se pela última vez antes de morrer e falou com seu último alento.

– Salve Nienor, filha de Húrin (...) dou-te a alegria final de encontrares teu irmão (...) Túrin, filho de Húrin! Mas o pior dos teus feitos tu sentirás em ti mesma. (...) desvairada de horror e agonia. E, chegando à beira de Cabed-em-Aras, jogou-se e se perdeu nas águas turbulentas. (TOLKIEN 2011, pág. 285)

A abreviação dos dias tornam os homens heróis e vítimas de sua sina na Obra de J.R.R Tolkien. Ainda que seja claro, mesmo que velado seu tempo futuro, o que há de ocorrer, se a atividade predomina sobre o ser. Turambar encontra-se com sua sina, ao viver, mesmo ainda após a morte do grande lagarto. Aceitando como efeito de suas ações e conflitos íntimos, à sua morte; a ação da infelicidade.

Túrin firmou então o punho da espada no chão e se jogou sobre a ponta de Gurthang; e a lâmina negra tirou sua vida. (TOLKIEN 2011, pág. 288)

O término da história de Túrin Turambar, próximo da melancolia, se encerra digno dos grandes feitos dos homens de curto tempo. Na obra de J.R.R Tolkien, ao herói é velado conhecimento dos tempos não reduzindo a linhagem ou mesmo caráter o fundamento de seus grandes feitos. As canções pertencem aos que se põem em sua direção.

Notas

Apontamentos da aula de Metodologia da História I – 25/03/2015

Apontamentos da aula de Metodologia da História I – 14/04/2015

Referências

AGOSTINHO. *Confissões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. PP 278-275 (Livro XI)

VERNANT, Pierre. “A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado”. *Discurso*, n.9, 1978, pp31-62

ARISTÓTELES, Poética. In:_____; HORÁCIO; LONGINO. *A Poética Clássica*. São Paulo: Cultrix, 2014. LIVRO IX, PP. 28-29

TOLKIEN, John Ronald. *O Silmarillion*. São Paulo: Martins Fontes, 2011

.....

Davi da Silva Vasconcelos tem 28 anos e é aluno do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Persona: faces de Bergman

Ana Carolina Meireles

Introdução

Reconhecido pela crítica como uma obra – prima do diretor sueco Ingmar Bergman, o filme *Persona* (1966, Suécia) ainda hoje é notável pela sua enigmática representação do existencialismo humano. Não podemos afirmar com uma certeza absoluta sobre qual é a ferida em que Bergman quis que tocássemos. Assim que, para sentir, mais do que simplesmente assistir à *Persona*, é necessária a abdicação da espera por uma significação imediata revelada.

As imagens extrapolam o campo intelectual. O filme se trata mais de uma experiência sensível a uma experiência racional. Susan Sontag, em análise feita sobre o longa, nos diz que para compreender *Persona*, o espectador deve ultrapassar o ponto de vista psicológico, já que o filme assume uma posição além da psicologia – assim como, num sentido análogo, além do erotismo – este que se desenvolve na relação entre as personagens ao longo da trama. (Sontag, 1987, p. 127-8).

A posição do espectador além da psicologia a que se refere Sontag, é necessária na medida em que nos deparamos desde a abertura do filme até aos créditos finais, com sequências de imagens enigmáticas que nos despertam os sentidos mais curiosos e sensações variadas diante de um desconhecido tão escandaloso posto em tela. *Persona* não é um filme linear, e eu diria que também não é pensado de maneira elíptica – de modo que queira retornar a ideia expressa nos seus primeiros instantes. Com uma estrutura temporal autêntica, o filme consegue se destacar ao surpreender pela sensibilidade que consegue atingir no campo cognitivo do espectador; tornando-se, assim, uma produção diferenciada na história do cinema. Aspectos que nos fazem tecer as pontes que ligam

a realidade à ficção e a barreira que nos separa do Outro. E ainda, como SER pelos olhos do Outro.

O desconhecido escandaloso de Bergman é um convite à análise profunda da psique humana, do simbolismo, dos papéis desempenhados por nossas diversas “personas” no nosso íntimo e no nosso convívio social. E neste filme, rodado por 82 minutos e a última película em preto e branco filmada pelo diretor, podemos provar da história contada pelas faces e pensamentos transfigurados nas personas de Alma (Bibi Andersson) e Elisabeth Vogler (Liv Ullmann).

História Contada (Sinopse)

Após a encenação da peça grega Electra, a atriz Elisabeth Vogler tem uma alteração no seu comportamento habitual. Elisabeth deixa de falar durante a representação teatral. Assim, é internada em uma clínica psiquiátrica pela demonstração de apatia ao seu entorno, as pessoas, ao filho e ao próprio teatro.

A médica responsável por Elisabeth encarrega à enfermeira Alma de seu tratamento. A atriz não está doente, apenas opta pelo silêncio. Percebendo que o hospital não seria o melhor lugar para a recuperação da senhora Vogler, a médica aconselha que Alma e Elisabeth passem uma temporada em sua casa de praia, em uma ilha isolada. A partir daí, as duas mulheres desenvolvem uma intimidade crescente.

O processo inverte-se, Alma parece estar aos cuidados de Elisabeth. Desencadeia-se, então, uma constante troca de identidades e um ponto importante para a compreensão de Persona: até que ponto somos nós e até que ponto somos, adentramos e ou interferimos no outro? “Posso ser eu mesma

duas pessoas, ao mesmo tempo?” Pergunta Alma a Elizabeth (...) Mesmo o silêncio de Elizabeth não impossibilitou que as duas mulheres passassem por um processo de identificação e trocas.

A relação estava cada dia mais forte até que Alma se sente traída por Elizabeth e os papéis se invertem. Por fim, as duas voltam da ilha e a atriz retoma sua carreira profissional, assim como Alma ao seu trabalho na clínica psiquiátrica.

Pequenas tecelagens

Persona caracteriza-se pelas nuances insinuantes e bem delineadas por Bergman do preto e do branco. A iluminação, o contraste e a textura relacionados à composição perfeita da imagem, nos induzem a pensar sobre a sua veracidade, e até nos questionar sobre o que é a realidade, o que é a ilusão, e como elas estão presentes na linguagem cinematográfica. A ausência de cores e os nuances de cinza na película, aproxima as personagens à frieza da realidade, leva-as de encontro com o mundo cru e sem cortes, transfigurados para o cinema. Algumas imagens reais, representadas no filme, como a fotografia do menino judeu de mãos para cima em Varsóvia, assim como a imagem vista por Elizabeth na TV, de um Bonzo vietnamita sendo queimado como uma tocha de fogo choca a personagem da mesma maneira que nos chocam na “nossa” vida real.

Em outras palavras e entre tantos aspectos singulares presentes nesta obra, talvez uma das intenções de Bergman fosse nos atentar para o fato de que o cinema é apenas uma linguagem para expressar nossas diversas perspectivas e visões sobre o mundo. No entanto, sem nos esquecer de que

aquilo é apenas uma representação, uma ilusão diante dos nossos olhos.

O cinema no cinema de Bergman está imbuído de teatralidade. Em *Persona*, isso é bem claro, pois são diversas as alusões feitas ao universo das representações. O próprio nome “*Persona*” significa máscara usada pelos atores durante as tragédias clássicas. Portanto, é no campo das representações e da verdade que Bergman constrói as personagens Alma e Elizabeth. Compartilho da opinião de Sontag, quando nos diz que podemos entender a relação das duas personagens como o sujeito que é corrompido (Elizabeth) e a alma que é ingênua (Alma) e é colocada diante do ser corrompido.

Elizabeth é uma atriz que está em busca da verdade, e por desempenhar seus vários papéis e não se encontrar em nenhum deles quer calar a persona que é apresentada no contato com o outro e dar voz a persona que pode ser encontrada na sua solidão. Por isso ela resolve se calar, e o silêncio é o seu único meio de cessar os ruídos que a impedem de voltar à Elizabeth *in natura*.

Quando se aproxima de Alma, uma personagem que não conseguiu dar voz aos seus outros “eus”, Elizabeth se sente à vontade para escutar e em paz por não precisar desempenhar nenhum papel, e é neste momento, que mesmo cessando os seus outros “eus”, ela não consegue deixar de ser. Então, a partir do momento da escuta por Elizabeth, e da fala por Alma, há uma forte relação entre as duas e uma fusão de identidades que parece ser inevitável e inerente à vontade da alma e da consciência; e assim elas se transformam em apenas uma persona. No filme, retratado pela junção das duas faces.

Bergman talvez questione em *Persona*, para além de outros focos, os nossos vários papéis desempenhados durante a vida como condição intrínseca à existência. Talvez o fardo

mais pesado seja carregar esses vários papéis, desempenhá-los e suportá-los. Somos, pois, indivíduos fartos de muitos pesos, e sem o direito à decisão de escolha. Podemos escolher os papéis, mas não podemos escolher abster de tê-los.

Outras tecelagens

As imagens aparentemente desconexas no começo e no final da película: aranha caranguejeira, prego sendo martelado na mão de uma pessoa, menino com óculos grandes, idosos com olhos fechados (eles estavam mortos?), esqueleto, sequência de imagens em um projetor, etc., são chamadas por Bergman de poema visual. Alguns críticos defendem que a ideia partiu para representar o nascimento da situação na qual nasceu o filme. Bergman estava hospitalizado quando começou a escrever o roteiro de *Persona* para se distrair. Na altura, ele ainda era diretor da Dramaten, uma companhia de teatro. No entanto, para, além disso, vejo nas imagens um convite às nossas inquietações latentes, ao incitamento do nosso inconsciente, para que ele venha “à tona”, antes do começo, propriamente, da história da trama. Na passagem veloz das imagens seqüenciais, em um primeiro momento, talvez não consigamos estabelecer um fio condutor com as outras cenas adiante.

De qualquer maneira, o nosso sistema cognitivo guarda essas imagens, e depois nos provoca sensações mais “verdadeiras” à percepção do resto do filme. Sendo assim, acredito que Bergman pensou nas imagens para nos preparar para enfrentar o duelo de personalidades, que muitas vezes foge do nosso consciente e está enterrado, guardado ou adormecido nas profundezas do nosso inconsciente. Neste ponto, é

possível tecer a relação entre Persona e a psicologia de Jung. O objetivo é apenas assinalar esta possível ligação entre o filme e a “persona” do psicólogo. Nesse sentido, Jung trata das sombras, que são nossas memórias, experiências passadas, tendências e desejos, que muitas vezes não emergem no nosso consciente. Jung também adentra ao universo potente do simbólico, que é evidente na película enigmática de Bergman e por isso, um tanto quanto fascinante. O texto do filme não é uma improvisação, embora às vezes nos tencione a crer que sim. Bergman diz que ele foi rigorosamente concebido. Mais uma prova da genialidade do diretor sueco e da atemporalidade de um filme delicado e profundo como Persona.

.....

Ana Carolina Meireles é jornalista, fotógrafa e webdesigner. Formou-se em jornalismo pela UFOP, em 2013. Publica seus trabalhos no Espaço Amarte, <http://www.espacoamarte.com>.

A chave

Paulo Torres

I

Acordei num sobressalto, os murros na porta, a violência das batidas, a parede tremia, carregavam intensamente na campainha, nada fazia sentido. Estava a sonhar? Não entendia se estavam ao pé da porta ou se estavam a premi-la do rés-do-chão. As batidas que ficam cada vez mais fortes, cada vez mais intensas, e nada falam, ouço o barulho de uma chave, mas é impossível, tenho todas as cópias, devem ser turistas errando o apartamento pelo apartamento da frente, acontece sempre de se enganarem os lados que são os contrários de quem vê o prédio por fora. A chave entra no canhão da porta, e começa a girar. Alguém possui a chave do meu apartamento. Ouço a chave que deixo pender à fechadura com o pequeno porta chaves do galo de Barcelos de metal, que sempre gera barulho, e a chave da porta dos correios, que por ser menor, toca exatamente no aro de metal fazendo um ruído inconfundível. Alguém possuía a chave do meu apartamento e o estava tentando abrir no exato momento que eu acordara. A chave gira, gira, são três voltas completas até a porta abrir e os nove travões que a seguram desarmarem, retraírem. Quatro próximos ao canhão da maçaneta, um em cima e um em baixo, no lado oposto mais dois, na mesma direção, próximo das dobradiças da porta e estavam desarmando-os. Eu, ainda na cama, sem reação, sem entender as coisas pelo sono que ainda impregnava o ar que respirávamos. Minha esposa olha-me assustada, não havia o que fazer, gira, a porta força e o trinco trina fortemente impedindo que a porta abra plenamente. Eu a acordar, minha esposa a olhar-me, a chave do galo de Barcelos, os travões desarmados da porta reforçada que de nada serviam, alguém com a chave do meu apartamento, e eu, sem reação, sem pensar o que estava a acontecer no sítio

que considerava mais seguro, que entrassem pela janela, que era o esperado, mas pela porta, com uma chave, é a surpresa. Os murros, a porta fecha, não abriu pelo trinco, trancam-na novamente, as mesmas três voltas no sentido contrário, gira, gira, gira. Levanto atordoado e corro para ver, abro a porta, não há ninguém, primam a campainha novamente, atendo, ninguém responde, repito pois não, estou! novamente, um chiado e vozes, não tocaram ao pé da porta, fora no rés-do-chão, mas houvera alguém cá. Tocam novamente à campainha, ninguém responde, fecho a porta, desta vez sou eu quem giro a chave três vezes para fechá-la, os murros, a chave, a cama, o ar, o som assustador da porta a abrir, a chave que alguém possuía e eu não sabia, o contrato de arrendamento, como eu não desconfiara, quem possuía essa chave? não havia ninguém à porta, não havia ninguém a responder, não seria possível que todo o susto não havia acontecido, não era sonho, estava acordado, o atordoado começava a retornar depois que toda a adrenalina passava e dissipava como o ar denso de sono que estava na cama quando fenderam, às batidas, a noite que se nos caia de bom grado.

II

A porta não me sai da cabeça, continua incessantemente a bater agora dentro da minha própria memória, ecoando na caixa acústica natural dos meus tímpanos. Os murros, não os ouço, mas os sinto, fortes, como se fossem dados agora, sem acontecerem neste exato momento. O ar, a memória, onde o acto de uma porta abrir e ser travada por um trinco é capaz de retirar toda a ordem de um mundo, desabar o real, partir para o imaginário, fissurar o firmamento e, por esta brecha,

sermos capazes de olhar algo que poderia sempre acontecer e nunca acontecera. Porém, passível de ser realidade, o facto é que a porta abri-a, abri-a, e seria aberta completamente se não houvesse a sorte de haver ali um aro de metal capaz de segurá-la ao seu lugar, e quem a forçara não fazia ideia de que dentro do apartamento havia alguém, ou se possuía esta intenção, sabendo que estávamos, não aguardava que àquela hora da manhã estivéssemos com um trinco a vedar-nos a própria vontade de sair, de liberdade, que nos foi tirada no momento em que tentaram entrar na nossa morada, é nesta residência do acreditar que existe a normalidade: dentro de nós mesmos, na nossa própria paz interior, interior do imóvel, interior do canhão, a chave a girar, girar, girar, a porta a abrir, o trinco a ranger, a porta a fechar, girar, girar, girar, eu a abri-la, ninguém ao lado de fora, o chamar, não haver resposta. A resposta que pedi era a do conhecimento, do entendimento, e foi-me respondida com um chiado e vozes ao longe, no rés-do-chão. Alguém possuía a chave da minha paz.

III

Nem o pássaro enforcado deixara-me tão inquieto como a porta, nem o prédio de quatro andares que sobrevivera a um terramoto, nem o elevador com nome do poeta, nem a noite a abrir-me os olhos, nem a peregrinação, nem uma viagem à Índia seria capaz disso, nada havia sido capaz de retirar o que o cosmos me dera, a paz de uma porta fechada, trancada, a confiança de possuir o total controle da situação e do sítio em que eu morava, a chave, o galo de Barcelos pendurado, a chave da porta dos correios, o barulho que fazia toda vez que abríamos a porta por nossa vontade, a incapacidade

de descoberta, a suspeita. De quem? de quem suspeitaríamos se vivemos numa outra cidade, numa outra terra que não a nossa, se somos estrangeiros, agora, dentro do nosso próprio apartamento, pelo simples fator de que não somos mais nós que habitamos, somos outros, embora ainda não saibamos o que, de fato, somos.

IV

Investigaríamos, portanto, o que levou a isto. A porta, saio por ela, agora aberta por mim, chego ao corredor e desço as escadas, receio. A porta que comunica à rua está fechada, o ar frio que o revestimento de mármore gera continua preso no ambiente comum do prédio, evidência de que ninguém permanecera muito demoradamente ou ainda ali estava. Sete, esquerda, mais 2, esquerda, mais 7, patamar do elevador, mais quatro, de frente para a porta. A chave, o canhão da fechadura, abro-a, o ranger da porta de madeira antiga, o sol reluzindo nas pedras da calçada, a passadeira suja em frente a mim, a mensagem gravada na passadeira, o desnível entre o patamar da porta e a calçada inclinada da rua que se eleva pela geografia do terreno da cidade de sete colinas. A luz que iluminava o asfalto também parece iluminar-me a mim, o calor e o sopro do rio, os turistas, os carros parados à minha frente, o reflexo no vidro de um deles, a cafeteria ao lado do meu prédio. Ali, definitivamente, poderiam ter visto o que acontecera ou quem estivera no prédio. Encaminho-me para a recepção com a chave entre os dedos da mão direita e lembro-me que o dono da cafeteria é, possivelmente, meu vizinho, por ter ouvido comentários da senhoria sobre isto.

V

Entre os vinte segundos que demorara para entrar na loja, refleti que, definitivamente, a única pessoa que poderia ter tentado algo era ele, sendo o responsável por tal ato, o medo seria evidente. O que o levaria a tal situação? Cheguei à recepção. Ele estava de costas, não vi seu rosto, nem ouvi sua voz. Perguntei-lhe, de imediato, se possuía uma chave do meu apartamento. Ele baloiçou a cabeça dizendo que sim, apontou-me o balcão e lá estava a chave. Peguei-a, saí da loja. A porta da rua, as pedras, o sol, a luz refletida, o ranger da porta, subir as escadas, carreguei na campainha para que minha esposa abrisse, não houvera resposta, bati na porta, ninguém respondera do lado de dentro, bati novamente para que ela viesse, nenhuma resposta. Bati mais forte, a mesma resposta. Introduzi a chave no canhão da porta do meu apartamento, girei uma, duas, três vezes lentamente, o barulho do galo de Barcelos por dentro, tentei abrir a porta, o trinco estava armado, a porta força e ele trina, fecho-a, tranco-a, giro as três vezes, deixando-a para trás e desço as escadas. Sete, esquerda, mais 2, esquerda, mais 7, patamar do elevador, mais quatro. Já ao rés-do-chão, toco a campainha, um chiado houve-se como resposta e o pois não em uma voz masculina.

VI

Vou ao meu vizinho perguntar-lhe o que era isto, o que estava acontecendo. Haveria ele dado a chave para mais alguém? quem estava dentro do meu apartamento? cruço o patamar da porta, desço-a, entro na loja para procurá-lo e atiro

a chave para cima do balcão, ele não está. Permaneço de costas para a porta, sem saber o que está acontecendo, oiço uma voz atrás de mim a perguntar-me se possuo a chave do apartamento, não tenho reação de virar a cabeça e olhar, tenho medo do que pode ser, aceno com a cabeça que sim e aponto para a chave que eu havia acabado de arremessar para cima do balcão. Ele sai sem eu conseguir vê-lo.

VII

Acordei num sobressalto, os murros na porta, a violência das batidas, a parede tremia, carregavam intensamente na campainha, nada fazia sentido. Estava a sonhar? Não entendia se estavam ao pé da porta ou se estavam a premi-la do rés-do-chão. As batidas que ficam cada vez mais fortes, cada vez mais intensas, e nada falam, ouço o barulho de uma chave...

.....

Paulo Victor Torres é luso-brasileiro, tem 23 anos e é ex-aluno do curso de Letras da UFRJ. Coursou Estudos Lusófonos na Universidade Nova de Lisboa. Dedicar-se à poesia. Responde pelo e-mail pveg@live.com

O trabalho de morte

Lucas Mertens

A morte é uma personagem cativante e inesperada, aparece em qualquer lugar a qualquer hora, sem aviso prévio, e leva embora seja quem estiver em sua mira. Mas então surge uma dúvida: a Morte tem seu trabalho como um prazer momentâneo ou como uma punição eterna?

A morte é selecionada a partir de um seletivo grupo de pecadores arrependidos que tendem a passar o resto de suas vidas tentando compensar os erros cometidos. A figura encapuzada não deve ser vista como o vilão dessa história, e sim como um soldado em meio a uma guerra sem fim, apenas esperando fervorosamente o fim de seu expediente.

Em um bom dia o Ceifador chega a levar até 6 almas consigo, algumas vezes mais e outras menos, tentando se aproximar cada vez mais de sua meta de 1.000 almas coletadas. Logo no final de sua carreira a Morte se deparou com algo que assombrou aquele que assombra. A cada manhã, sem contar com feriados, a Morte recebia um envelope contendo diversas fotos de suas vítimas do dia, e levava-as uma por uma, sem pressa alguma. Naquele mesmo dia ensolarado o ceifador já havia levado um açougueiro que cortou o próprio braço com um facão, um padeiro obeso com artérias entupidas e um bêbado desempregado que se afogou no próprio vomito. Aquele não era um bom dia para a Morte.

Assim que chegou a vez da milésima vítima, o ceifador se espantou. O que era pra ser fotos de apenas mais um mortal, não passava de pedaços de papel com superfície espelhada. Após ver sua própria figura nos papéis restantes, a mesma indagou: “Como matar aquela que os mata?” Ao decorrer de milhares de anos seguintes, sem haver nenhuma morte, o ceifador número 543 achou a resposta para a pergunta que considerava impossível de ser solucionada.

Após recordar que ser a Morte não passava de um cargo divino, a mesma abdicou de seu trabalho e cedeu-o para o próximo pecador desesperado. Tendo enfim sua mais que merecida redenção, passando o resto da eternidade em um alívio sem fim.

.....

Lucas Mertens é um estudante com uma enorme paixão por escrever. E-mail para contato: lucas.mmertens@gmail.com

O guardião

Danilo Godinho

Hoje se completa mais um ano de trabalho aqui. Mais um ano de reflexões e observações feitas. Com a chegada idade e o amadurecimento, já não me importo mais com opiniões alheia. Grande parte do meu tempo fiquei invisível, e em alguns momentos fui reparado (para algum trabalho braçal). Pois bem, não me importo mais o que levam a meu respeito, apenas durmo tranquilo ao final da noite. E claro, no seguinte dia, volto para um novo expediente. Sei que não sou percebido aqui, mas em todas as oportunidades que tinha alertava aos pequenos sobre a importância do estudo. Durante alguns anos, eu notava a transformação da miséria em esperança. Pois, a cada nova geração que se formava, era a esperança de progresso para nosso bairro.

Aqui, onde moramos, não é um lugar que oferece muitas oportunidades de trabalho. O que temos é o trabalho em lavoura, e com alguma sorte, esporádicos trabalhos artesanais para empresas da região, nada além disso. Aqui é, eu costumo dizer, a periferia do mundo. Os pequenos aqui, são incentivados pelos sonhos que aprenderam a cultivar de uma vida melhor, desenhada por seus pais. Esperanças vagas, de uma terra produtiva. Temos uma bela natureza aqui, ainda nativa, com cachoeiras, e rios; água limpa e a ausência de poluição. Por esses comerciais que passam na televisão com o falso *slogan* de consciência ecológica, quem sabe um dia tenhamos empresários que deem a essa população algum tipo de trabalho, em favor a deterioração da qualidade de vida que a natureza nos tem oferecido. Essa é a esperança dos jovens daqui: Modernização em detrimento da vida.

Eu, como porteiro, não tenho voz ativa para incentivar os pequenos. Pois esses são vaidosos, e pensam em status e uma boa aparência junto a seus equipamentos eletrônicos vindos da cidade grande. Grande parte dos alunos que temos

hoje chegaram dessa leva de condomínios que se instalaram na região, e não possuem a sensibilidade da vida interiorana. Muitos, não possuem contatos com os avós, e seus pais não podem lhes dedicar tempo o suficiente, pois precisam trabalhar para pagarem as despesas mensais. Enfim, a vida segue seu rumo. A vida por aqui deixou de ser regrada pelo amor e passou a ser relacionada pelas posses individuais, ou seja, a relação da vida campestre começou a ruir por aqui

Hoje, aposentando, observo as mudanças que ocorrem na vila. Talvez aqui, seja um lugar para o qual Deus disse: Não! Crises começam a surgir, hoje temos assaltos, falta de segurança em qualquer beco. Mas os problemas não se resumem, apenas, em problemas sociais de relacionamento, eles se estendem para os benefícios abundantes que tínhamos aqui, até poucos anos atrás. Pois temos agora adquirimos: racionamento de água, deslizamento de terras; devido ao desmatamento das árvores e a extinção dos animais silvestres. Há, também, o trem que não costuma passar com muita frequência por nossas bandas. Esse trem, que antes era uma atração turística, hoje virou piada fantasmagórica. Também, a sagrada missa, não anda tão cheia de devotos como antigamente, apenas uns poucos fiéis continuam a frequentar a pequena capela da vila. Os agricultores estão, aos poucos, largando a lavoura e procurando novos meios de sustento. Os jovens talentos que existiam aqui, estão sendo decapitados em favor da modernização, e os sonhos que possuíam morreram com as crianças que foram um dia. Enfim, a vida continua seu ritmo.

Pela janela, que já tive uma boa vista, hoje tenho fumaça negra. Os vizinhos mais velhos, magoados, contam as boas histórias dos tempos em que viveram suas adolescências; e claro, contam sobre a dívida que a própria natureza viria co-

brar um dia, na qual um dia o mendigo da vila contou sermão a respeito. Eu, em sã consciência, respeitava a fala dos mais velhos, pois o fim da vida deve trazer algum tipo de confusão mental entre o sonho e a realidade, essa era a minha impressão sobre as conversas que tinha com os vizinhos idosos. Eu respeitava a todos, e guardava minhas impressões para mim. Ao fim da tarde, voltava a casa, com várias versões da mesma história na cabeça. Então cansado, ia dormir, sem muito refletir sobre aquelas falas. Pois a vida continuava.

Um novo dia! Ensolarado e abafado. Mas com uma certa urgência de compras para a casa, resolvi descer ao mercado. Nesse percurso, percebi que as construções tinham avançando rapidamente para suas finalidades habitacionais; e com ela os problemas de higiene da vila. Lugares pichados, lixo no chão, velhos sendo maltratados; entre muitas barbaridades desregradas da nova geração. Tentei ir, sem muita moralidade ao mercado, e voltar vivo à casa. No percurso eu pensava que talvez as falas dos velhos vizinhos tivessem grande sentido sobre as pragas que voltariam a esse lugar, para renovar esse ambiente. Suas falas faziam sentido nessa caminhada de volta. Pois, alertavam que quando o pé de Ipê secasse na primavera as pragas se cumpririam. Num estalo, olhei para trás e vi que restava uma única flor de Ipê, e que estávamos na primavera. Subi pensativo e aguardei a chegada da noite.

Sentei-me defronte a janela, à espera da profecia. Afinal, o céu estava diferente, era negro e escondia a lua cheia. Um barulho chamou-me a atenção para o centro da vila. O sino da capela badalava três vezes sendo rompida pelo apito das chaminés do trem, que descia pelos trilhos da vila, que agora eram forrados pelo sangue dos trabalhadores de décadas atrás; que construíram aqueles trilhos com a própria vida. E lá vinha o trem a pleno vapor, iluminando seu caminho com

as labaredas de seu interior. A cada três badaladas do sino da capela, um apito da chaminé do trem ecoava por aqui. Eu olhava perplexo. O trem fez uma viagem curta na extensão dos dois quilômetros do bairro. O trem desceu pela linha férrea. Ficou estático, ali apitou entre as badaladas do sino. Subiu de ré, numa retirada triunfal, agora tripulado com as almas dos falecidos trabalhadores que insistiam em acenar para o bairro pelo vão das janelas. Nesse instante, as habitações, acendiam suas luzes; entre gritos e murmúrios; para logo, os moradores saírem às ruas. Cada badalo do sino era uma alfinetada em cada coração pecador; e o apito do trem, servia para aliviar, para em seguida, pressionar mais dolorosamente cada alma intrusa que estava em nossa vila. Levantei-me da cadeira para ver mais vivamente. Os novos moradores, saíam as ruas; com os ouvidos tapados, caminhavam em direção a praça da capela, numa marcha fúnebre. Em frente a capela, se ajoelhavam, estrategicamente, sobre o portão principal. E, então, entoavam em coro, cada vez mais alto a reza para nosso criador:

Homens: Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome; venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu.

Mulheres: o pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

Todos: Amém

Cegados, não enxergavam; ou se reconheciam. Mas ali ficaram até os primeiros raios de sol iluminar a praça. Sob a luz do sol, voltarão a si. Ficaram em silêncio. Eram desco-

nhecidos entre eles, mas se perguntavam o que faziam ali. Estavam sem nada entender, mas estavam possuídos de uma nova consciência. Pois, desse dia em diante, uma nova ordem, se estabeleceu por aqui.

.....

Danilo Godinho é graduado em Filosofia e Professor do Ensino Médio no Estado de São Paulo.

O pesadelo de uma noite sem descanso

Erick Sierpe

Estávamos à toa compartilhando uma mesa qualquer na calçada de um bar qualquer. Eramos quatro sujeitos sem importância, falando sobre assuntos mudos ao céu de fim de tarde que desbotava sobre nossas cabeças. Para tornar o ambiente ainda mais desencantador, não havia mais ninguém nas ruas. Tal afirmação não se deve a qualquer força de expressão; não havia ninguém mesmo! Nada de outros clientes, transeuntes, motoristas. Nada. Não havia nem mesmo um garçom para fingir que ouvia nossa conversa totalmente desinteressante.

Os risos me pareciam falsos, embriagados, sem som, tentando ganhar espaço na imensidão vazia que nos cercava. Eu estranhava ser o único a sentir isso. E, para piorar, ninguém parecia se importar com o meu estranhamento, nem ao menos notá-lo. A solidão é uma sensação devastadora, diga-se de passagem. Mantive-me calado, mesmo morrendo de vontade de me atirar na rua e começar a gritar, me espernear, fingindo um atropelamento por um carro que não existia, um infarto no coração que não havia em meu peito.

Foi então que, virando a esquina, surgiram três lindas garotas. Elas deviam estar na casa dos vinte anos. Meus colegas, que até então riam sem propósito, calaram-se diante daquela aparição. Em seguida, eles sorriram de uma maneira que me causou repulsa. Não foi o tipo de sorriso que contemplava a presença de outras pessoas, mentes complexas e cheias de vida, em um mundo que parecia ter arrebatado a humanidade, mas sim um sorriso pervertido, malicioso, como se vissem o garçom que não existia trazendo os petiscos que haviam pedido há horas. Senti vontade de vomitar.

– Ei! – gritou um dos meus colegas. – Por que vocês não viram a esquina novamente e voltam sem roupa alguma?

Os outros dois sorriram, mas sem gargalhadas. Não se tratava de um deboche, mas sim de uma proposta “séria”. Senti um desgosto tão avassalador com aquele pedido que carregava consigo uma aura de ordem, que quase me levantei e fui embora para não sei onde. O que haveria além dali? O ar teria o mesmo sabor acobreado em qualquer lugar que eu fosse.

As garotas, obviamente, se mostraram indignadas com o comentário. Quem eles pensavam que eram? Porém, para a surpresa de todos, uma delas se dirigiu em nossa direção. Parada a nossa frente, disse:

– Os mal-educados não sabem respeitar ninguém? Bem, que seja, achei vocês bonitinhos, vou tentar esquecer o que vocês disseram. Vocês querem fazer sexo comigo?

Ficamos todos sem reação.

– Ué? Vocês não querem me foder? Então o que estão esperando?

Pude ver meus três colegas se entreolharem com sorrisos incrédulos, boçais. Cheios de energia, eles se levantaram rapidamente, indo para onde ela os guiava. Cheio de culpa, eu hesitei bastante, mas, no fim das contas, fui atrás do resto, uma ovelha. Além do mais, ela queria aquilo, era sua vontade, sua proposta, não havia motivos para dizer não, já que o desejo parecia corresponder dos dois lados.

Por outro lado, as duas amigas da garota que seguíamos ficaram para trás, olhando-a com olhares impiedosos, que com certeza julgavam ela da pior maneira. Um comentário foi solto no ar por uma das meninas remanescentes e ficou pairando como um urubu enorme e fétido: “lá vai a puta!”

Enfim, chegamos a um lugar que parecia outro mundo, outra realidade. Estávamos dentro de um sítio que eu não me lembrava de ter entrado. O gramado exalava um cheiro agri-

doce que me parecia familiar. Dessa forma, na frente de uma grande piscina, todos nos despimos.

Um por um, durante quase uma hora, meus colegas fizeram de tudo com ela, tudo menos sexo. Eu assistia aquela cena ridícula com melancolia. Eles penetravam a garota, que estava de quatro, com se fossem cães. Não era como se estivessem dividindo um momento de prazer com ela, sentindo e provocando orgasmos, mas sim como se estivessem tentando roubar isso dela, como se estivessem comendo ela, tal como diz o termo popular. Era gritante o descontentamento dela, mas, pelo incrível que pareça, os três cãezinhos, cegos para sensações alheias, só pensavam em copular. A verdade era que eles não se importavam em nada com ela, era só mais uma mulher sem valor que fode com as primeiras pessoas que encontra pela rua, uma vadia, um objeto de satisfação sexual e alimento para o ego. O que importava, naquele momento, era que eles estavam fazendo um ato de grande valor. Aliás, que sujeito pode se classificar como homem de verdade e se recusar a comer a primeira mulher bonita que se oferecer? A oferecida era ela! Problema dela, não deles. Ela que se foda, até porque eles não o fariam.

E foi sem dar a mínima que eles ejacularam sobre seu rosto e seios, mesmo com a insistente desaprovação dela. De certo, se ela não tivesse fechado a boca com a força com a qual fechou, eles teriam forçado esperma garganta abaixo. Enquanto isso, eu assisti tudo bestializado, palerma, nu.

Aquele era o desfecho sórdido da realidade, o fechar de cortinas de uma tragédia grega, o esperma escorrendo sobre a pele.

De repente, atraído pelo cheiro peculiar que eu havia sentido no gramado do sítio, veio o urubu que pairava sobre nós antes, perto do bar. O seu fedor me fez lacrimejar e, em

seguida, chorar. Dava pra ouvir ele gritar palavras que depreciavam aquela mulher, que por ter nascido como tal, havia sido predestinada a ter seus prazeres e vontades reprimidos pelo mundo fálico que sempre exigiu em se intitular cefálico.

Maldição! Merda! Quero morrer! A culpa é minha!

Quando percebi, meus colegas haviam desaparecido. Estávamos nós três a sós, eu, a mulher e a ave. Cheio de lágrimas, atirei pedras na criatura, até que ela finalmente se retirou. Quando voltei a procurar pela garota, notei que ela nadava na piscina para limpar o esperma em sua pele, antes que este secasse e se tornasse doloroso de se retirar. Assim sendo, entrei na piscina também para me limpar das lágrimas que escorriam dos meus olhos, antes que, da mesma forma, se tornassem dolorosas de se retirar.

Já era noite.

Procurei o brilho que ainda restava em seus olhos e nadei em sua direção. Notando-me, ela me olhou com curiosidade, como quem pergunta: “o que você ainda faz aqui? Eu não valho nada.” Então, eu aproximei meu rosto do seu e disse baixinho em seu ouvido: “você não é menor que ninguém por sentir e querer sentir. Isso é ser humano. Infelizmente, só permitem ser humano os homens, que por sua vez insistem em agir como animais. Mas sorria, pois ao contrário do que tentam te fazer acreditar, você é muito preciosa para esse mundo. O que acontece, porém, é que as pessoas continuam a insistir na tentativa de destruir tudo de precioso que ainda lhes resta”.

Com um sorriso que seria capaz de trazer o sol de volta naquele exato instante, ela disse em meu ouvido: “você não está morto ainda, apesar de agir como cúmplice das atrocidades dos homens. Você acha que é invisível, mas não é. Você

acha que está derrotado, mas não está. Não deixe que te façam acreditar que você já está destruído por completo”.

Assim sendo, demos as mãos e nadamos em círculos pela piscina morna e escura. Eramos, então, como fetos que flutuavam em uma bolsa amniótica de esperma e lágrimas, gêmeos que ainda desconheciam o mal do mundo, a opressão dos homens, a categorização de gêneros que limita e molda as pessoas, as inibições nas quais mergulhamos logo após o nascimento, tal e qual um segundo ventre.

.....

Erick Sierpe é estudante de Letras na UFRJ. Apesar de sonhar publicar um romance, se dedica fundamentalmente a escrever contos. E é inspirado na acidez de Machado de Assis e na honestidade amarga de Franz Kafka que ele os escreve.

***O Bairro*, de Gonçalo M. Tavares, que parte dos mundos de Borges**

Natanael Fernandes

Gonçalo M. Tavares, em seu livro *Biblioteca* (2009), escreve pequenos fragmentos sobre um seleto grupo de autores canônicos das mais diversas áreas do pensamento humano, como Albert Camus, Dante, Clarice Lispector, Aristóteles, Rainer Maria Rilke, Novalis, dentre tantos outros; esses autores são “definidos” por meio de entradas, semelhantes às de um dicionário, declaradamente inspiradas nas obras deles. Sem um critério de seleção claro, a *Biblioteca* de Gonçalo M. Tavares demonstra ser concebida pelo gosto pessoal de seu autor.

No caminho de leitura aqui proposto, detenho o olhar no verbete dedicado a *Jorge Luis Borges*, onde lemos:

Trazia um ramo de areia julgando trazer um ramo de flores. De noite, olhou para o fim do braço e assustou-se: a mão era um ramo de cinco dedos, como há ramos de cinco rosas. E se cinco mulheres amas, a quem darás os dedos?

Olhando atentamente para a mão, o número seis é inconcebível. (TAVARES, 2009, p. 83)

Essa definição parece aludir ao conto “O livro de areia”, do livro homônimo de Borges (2009). Nele, o autor narra a história de um livro mágico que tinha o poder de ser infinito: “[o] livro se chamava O livro de areia, porque nem o livro nem a areia têm princípio ou fim” (p. 102).

Nesse sentido, é possível dizer que Gonçalo M. Tavares reescreve o texto de Borges a sua maneira, em um gesto de escrita que, para além de reescrever ou parafrasear a síntese de um conto, torna ficção o próprio autor dele, ao tê-lo como um verbete (ou um “personagem”) de sua *Biblioteca*.

Nessa possível relação entre a literatura de Jorge Luis Borges e a de Gonçalo M. Tavares, é de se salientar o próprio

modo de registro que Gonçalo optou por realizar na miscelânea que é sua *Biblioteca*. Destaco, pois, que já Borges, no *O livro dos seres imaginários* (2007a), reúne um compêndio de definições de seres fantásticos, que conheceu com a leitura de livros do mundo inteiro. Nesse livro, reúne seres advindos de textos que vão de Homero e Confúcio a Shakespeare e Flaubert, ou ainda de nomes pouco conhecidos, como criaturas imaginárias (d)escritas por Wang Tai-hai (um viajante chinês do século XVIII).

Ainda dentro desta seara, é possível cotejar o que diz os dois autores nos seus respectivos prólogos. Jorge Luis Borges: “[...] *O livro dos seres imaginários* não foi escrito para uma leitura consecutiva. Gostaríamos que os curiosos o frequentassem como quem brinca com as formas cambiantes reveladas por um caleidoscópio.” (BORGES, 2007a, p. 9-10 – grifo meu); e Gonçalo M. Tavares (que chama seu prólogo de “Breve nota”): “[...] O percurso de leitura poderá ser determinado pelo acaso ou pela vontade dirigida (e não apenas pela sequência da paginação). *Agrade-me a ideia de que alguém possa ler alguns destes fragmentos hoje e outros daqui a alguns anos.*” (TAVARES, 2009, p. 7 – grifo meu).

No cotejo dessas notas iniciais chamo a atenção para dois aspectos. Primeiro, o caráter de aleatoriedade que os dois autores querem atribuir às suas obras, elas se constituem por “descrições” consequentes de leituras, servindo como um “material de consulta” para seus leitores. E, em acréscimo a essa característica, a interessante similitude semântica que as orações finais dos dois prólogos guardam entre si, que trazem, em seus discursos, a forma como os autores gostariam que suas obras fossem lidas.

Afastando-se do diálogo direto entre *Biblioteca* e *O livro dos seres imaginários*, é certa, na obra de Jorge Luis Borges, a recorrência de textos com a temática da “Biblioteca” – como o

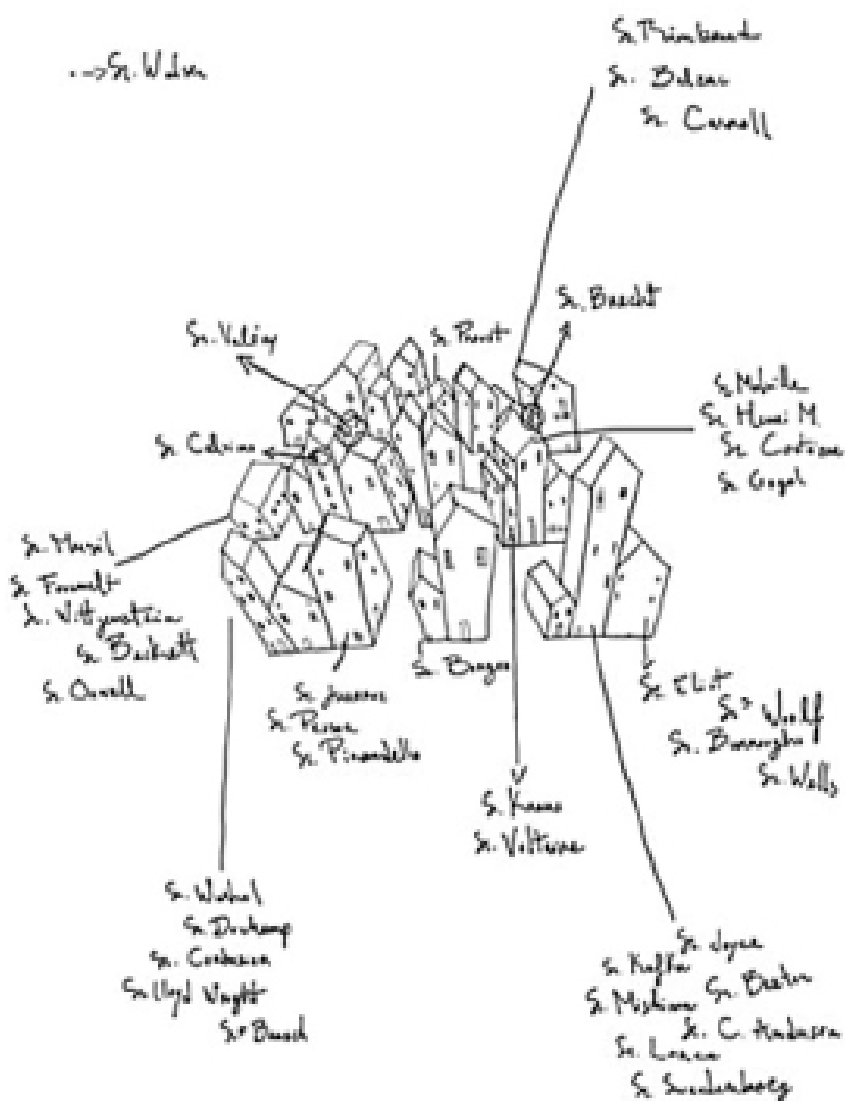
já citado “O livro de areia” (2009), “tlön, uqbar, orbis tertius” (2007b), “A Biblioteca de Babel” (2007b) – e sobre a releitura (e reelaboração) dos grandes clássicos da literatura universal – “Kafka e seus precursores” (2012), “Pierre Menard, autor de Quixote” (2007b), “Nove ensaios dantescos e a memória de Shakespeare” (2011), a título de exemplo. O tópos “Biblioteca” é quase uma obsessão para Borges, que chega a declarar em “Biblioteca de Babel” que a espécie humana se extinguirá, mas “que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta” (2007b, p. 78).

Já na obra de Gonçalo M. Tavares, para além do livro *Biblioteca*, temos a série intitulada *O bairro*. O projeto *in progress* para 39 livros, 10 deles publicados na atualidade, constrói narrativamente e de maneira pictórica uma cartografia urbana que é habitada por vários “Senhores” (cada livro dedicado a um), que emprestam seus nomes dos mais diversos autores da História Moderna (como *O Sr. Brecht* (2005), *O Sr. Swedenborg* (2011b), *O Sr. Calvino* (2007), *O Sr. Foucault* (livro não publicado), para citar alguns).

Em *O bairro*, Gonçalo exercita o mesmo trabalho autoral já desempenhado em *Biblioteca*. Na série, os sugestivos nomes de seus personagens também não são por acaso, mas fruto do diálogo entre os autores “reais” que inspiram a cada um dos livros e a leitura/literatura que Gonçalo M. Tavares faz deles, transformando-os em personagens imaginários (e, talvez, inimagináveis). Destaco, nesse sentido, que muito provavelmente não é por acaso a publicação de *Biblioteca* colidir com a publicação de *O Senhor Valéry* (2011a), um livro a princípio isolado, mas que posteriormente veio a se tornar o primeiro volume do projeto “arquitetônico” gonçalino.

Cartografia d'O bairro apresentada no início de todos os livros da série

O bairro



Refletindo a partir desses traços autorais de Gonçalo Tavares, me parece haver mais um fio condutor (de parte) das obras dos dois autores que aqui comento: a arqueologia livresca da temática “Biblioteca” e, principalmente, o exercício de reelaboração (ou deslocamento) de obras e autores “reais” para o imaginário da narrativa. Esse deslocamento cria um movimento labiríntico (tão caro à Borges), em que se confunde ficção com realidade, isto é: o que foi efetivamente criado pelo autor-leitor e o que é apenas apropriação do autor lido, que está sendo reelaborado, juntamente com sua obra, no novo gesto de escritura.

Borges n’O bairro

Aproximando-nos um pouco mais d’O *bairro* gonçalino, espaço-texto onde acredito que a presença dos motes da literatura borgiana se fazem com sua maior força, optei por focalizar de maneira especial, neste ensaio, O *senhor Valéry* (2011a).

Sendo o senhor francês o primeiro “morador” d’O *bairro*, anseio construir um caminho interpretativo que sinaliza que, desde o início do projeto, a presença de Borges – já manifestada em/na *Biblioteca* (2009) – não está apenas em O *senhor Borges* (livro ainda não publicado). Para além de ser o morador do centro da cartografia desenhada para a série (observada na ilustração acima), o argentino aparenta permear toda sua seleta vizinhança de autores e, dessa forma, ocupa a centralidade discursiva do espaço-texto, percorrendo todas as “ruas” que estruturam O *bairro*.

Primeiro, sobre a presença de Borges nesse *Senhor*, é de se pontuar, no nível da autoria, que o Borges de nossa realidade sempre travou um diálogo constante e fecundo com Valéry, como afirma Arrigucci Jr. (2010, p. 152). Assim sendo, pode não ter sido gratuito ser esse autor-personagem o primeiro a nascer, uma vez que ele, com sua herança pós-simbolista, marcou tanto a escrita de Borges e têm ressonâncias também em Gonçalo, em sua autoconsciência literária.

O sr. Valéry, chamo a atenção, já de início, para o racionalismo excessivo que o protagonista demonstra possuir, justificando o subtítulo do livro – “e a lógica”. Este caráter racional é conhecido, antes, por ser atributo do escritor Paul Valéry de “nosso mundo”, por assim dizer. Usando, além do nome, também o racionalismo próprio do Valéry “real” em seu personagem, Gonçalo M. Tavares convoca para seu espaço literário o poeta Paul Valéry – ou uma versão (re)lida dele.

Para exemplificar esse “racionalismo” exagerado do Senhor Valéry, cito a narrativa “O animal doméstico” (TAVARES, 2011a, p. 13-14). Nessa estória, é narrado que o distinto Senhor possuía um animal de estimação, mas que ninguém nunca o via, já que ele estava sempre guardado em uma caixa com apenas dois buracos (um para entrada da comida e outra para a saída das fezes).

O motivo que fazia o Sr. Valéry deixar seu animal sempre guardado era, segundo o próprio Senhor, “simples”: Não queria guardar “afetos por animais domésticos, eles morrem muito, e depois é uma tristeza para o coração” (p. 13). E, no final da narrativa, ele indaga: “–Quem poderá ganhar afeto por uma caixa?”, momento em que o narrador nos conta que “O Senhor Valéry, sem qualquer espécie de angústia, continu-

ava, pois, muito contente com o animal doméstico que escolhera” (p. 14).

Refletindo, sobre o “Sr. Borges” que ajuda a estruturar o *Sr. Valéry* na obra de Gonçalo, tomo como exemplos as narrativas “Uma viagem a pé” de Tavares (2011a, p. 39-41) e “Funes, o memorioso” do escritor argentino (BORGES, 2007b, p. 99-108). O primeiro, narra o impasse no qual o Sr. Valéry se vê ao ter que decidir se fará uma viagem longa de trem (que levará 20min) ou a pé (que custará 10h). No que o Senhor decide ir a pé, lemos:

– E mesmo se eu for de trem e esperar parado, no destino, 9 horas e 40 minutos, esse meu destino não será o mesmo do que aquele onde eu chego em dez horas caminhando a pé; já que eu estive lá, nesse lugar, mesmo que parado, 9 horas e 40 minutos o modificando.

E começou, então, a andar, pois a decisão estava tomada.

Ao fim de vinte minutos de caminhada o senhor Valéry olhou para o relógio e pensou, de um modo um pouco confuso:

– Se eu me encontrasse já no meu destino, este momento exato seria o lugar aonde eu chegaria.

Olhou à sua volta e disse:

– Porém, este não é ainda o meu destino.

Continuou, assim, a andar.

Mais tarde, contente exclamou, ainda para si próprio:

– Ainda não cheguei, mas eu vou para outro lugar. E como faltavam ainda cerca de 9 horas para chegar onde queria, o senhor Valéry continuou a andar, contente e feliz com os seus raciocínios, um pé a seguir o outro, sempre ao mesmo ritmo, a andar

em direção ao seu destino.

– A mim ninguém engana – murmurava o senhor Valéry já suando muito. (TAVARES, 2011a, p. 40-41)

Já no segundo, de Borges, temos a conhecida história do menino *Ireneo Funes*, que, após um acidente, desenvolveu uma híbrida memória infinita, que não lhe permite – ainda que o queira – esquecer-se de nada. Logo, cada momento do dia para Funes é um momento único de sua existência:

Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido, e assim também as memórias mais antigas e mais triviais. Pouco depois constatou que estava paralítico. O fato quase não o interessou. Pensou (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora sua percepção e sua memória eram infalíveis. (BORGES, 2007b, p. 104 – grifo meu)

Dentre todos os exemplos do olhar singular do menino Funes para o mundo, foco o olhar no trecho em que o narrador nos conta que o menino ficava incomodado “que o cachorro das três horas e catorze minutos (visto de perfil) tivesse o mesmo nome do cachorro das três horas e quinze (visto de frente)” (BORGES, 2007b, p. 107).

Esse trecho pode nos remeter diretamente para a narrativa de Gonçalo citada acima. Assim como para Funes, o tempo para o Sr. Valéry tem uma singularidade ímpar, onde a passagem das horas pode significar, para um mesmo objeto, consequências extraordinariamente (e impossivelmente) distintas: o local em que ele chegaria de trem depois de vinte minutos nunca será o mesmo lugar que chegará com o traje-

to a pé de 10h. No mesmo sentido, também, o cachorro para Funes não era o mesmo na passagem do tempo, mesmo que a transição fosse apenas de um fragmento de hora.

Dessa forma, podemos supor que o Sr. Valéry concordaria com a lógica de Funes e vice-versa. A relação que os dois mantêm com o tempo e o espaço é única, fazendo significar sempre um infinito em potencial que parece ser possível apenas na Literatura, mas com respiros (e com a lógica) da nossa “realidade”. Pois, nessa coerência, há como garantir que a realidade de agora é *realmente* a mesma realidade de amanhã?

Pelo aqui exposto, é interessante considerar que o projeto do *Bairro*, além de uma série literária, é também um gesto de escrita de Gonçalo M. Tavares, bem como uma Biblioteca pessoal ao gosto de seu autor. Neste *Bairro* fictício, Gonçalo se apropria do nome e obra de autores precursores e redesenha-os em seu singular espaço narrativo. Espaço que aparenta uma pretensa realidade possível, mas que é fértil de força criadora, já que é o espaço da Literatura, *lócus* do impossível onde um único cão pode e não pode ser o mesmo, na passagem de tempo de um minuto; onde um trem leva e, ao mesmo tempo, não leva um cortês *Senhor* para um determinado lugar. Afinal, como defende Blanchot, “a palavra [e o espaço] literária[o] é fundadora de sua própria realidade” (apud LEVY, 2011, p. 19).

Também, por trás do *escritor* Gonçalo M. Tavares, está o *leitor* Gonçalo M. Tavares que lê o que gosta, como Borges pode comentar em um dos seus textos ensaísticos: “Tenho pra mim que sou essencialmente um leitor. Como sabem, eu

me aventurei na escrita; mas acho que o que li é muito mais importante que o que escrevi. *Pois a pessoa lê o que gosta*” (BORGES, 2000, p. 103 – grifo meu). Logo, Gonçalo M. Tavares, compõe uma de suas bibliotecas (titulada como *Bairro*) ao seu gosto, trazendo para o espaço de sua escrita o autor que quiser, no momento em que preferir.

E, ainda nesta tríade leitor – autor – obra, cito as palavras de Ricardo Piglia, em uma passagem do seu livro *O último leitor*, comentando Borges, mas que certamente se aplica à Gonçalo M. Tavares: “Os signos na página, quase invisíveis, se abrem para universos múltiplos. Em Borges, a leitura é uma arte da distância e da escala. [...] Na literatura, aquele que lê está longe de ser uma figura normalizada e pacífica (não fosse assim, não haveria narração)” (PIGLIA, 2006, p. 20-21).

Certamente o espaço-texto gonçalino não é, com todas suas citações, referências e paratextos, um espaço pacífico para seu leitor, assim como a literatura de Borges também não, uma vez que os dois constroem realidades que são impossíveis, mas que inquietam por projetarem possibilidades que parecem ativas a seus leitores.

Nesse sentido, me parece que os limites entre ficção e realidade nos dois autores se tornam confusos. Se a ficção tem, como afirma Ricoeur (1989, p. 221), a capacidade “de abrir e de desenvolver novas dimensões do real”, a criação ficcional de Borges e Gonçalo toca seus leitores e os fazem habitar outros mundos (ou *bairros*), longe da banalidade da vida real. Neles, a ficção, mais do que construir mundos (im) possivelmente reais ou edificar bairros atemporais, é a moderadora entre duas realidades, a da Literatura e a da vida dita “real”, cujas fronteiras são afastadas pela lógica tradicional e aproximadas pelas significações do insumo literário dos dois.

Por isso, a autoconsciência gonçalina, atributo antes de Borges, aponta para uma concepção de invenção ficcional “que reduz o texto a um produto de outros textos, e a literatura à própria fonte da literatura. Uma concepção que faz da memória, cujo repositório é a tradição, o buraco negro onde se dissolve a própria ideia de autoria” (ARRIGUCCI JR., 2010, p. 152-153). E, assim sendo, parece se justificar a “confusão” entre ficção e real, pois, se tudo se reduz a texto, o que é a “vida real” se não uma narrativa construída pelo texto? Ou, nas palavras de Arrigucci Jr.: “toda a verdadeira invenção individual acaba por pertencer, em última instância, à tradição comum” (p. 153), isto é, acabar por pertencer a todos e nela todos se reconhecem – mesmo que a lógica do real não permita.

Finalizamos o presente ensaio, valendo-me novamente de Ricardo Piglia e do que ele entende ser borgeano:

Talvez o maior ensinamento de Borges seja a certeza de que a ficção não depende apenas de quem a constrói, mas também de quem a lê. A ficção também é uma posição do intérprete. Nem tudo é ficção (Borges não é Derrida, não é Paul de Man), mas tudo pode ser lido como ficção. Ser borgeano (se é que isso existe) é ter a capacidade de ler tudo como ficção e de acreditar no poder da ficção. A ficção como uma teoria da leitura. (PIGLIA, 2006, p. 28)

Ora, o que é Gonçalo M. Tavares, antes de qualquer coisa, senão um leitor? E o que é sua literatura, se não uma colcha muito bem tecida a partir de muitas referências, mas com um nó único próprio de seu autor que é, também, o tece-lão do universo ficcional que cabe em um *Bairro*.

Nota explicativa: A imagem que aparece como banner nesse texto (e que pode ser melhor visualizada na pági-

na principal da revista) é de um coletivo de artistas plásticos portugueses chamado “Os especialistas”; ela consta no livro “O Atlas do Corpo e da Imaginação”, também de Gonçalo M. Tavares (TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Lisboa: Caminho, 2013).

construir, viver

Há pois dois mundos no homem: o mundo estúpido do funcionamento dos órgãos internos e das funções instintivas como o respirar (estúpidos ou com a mesma inteligência de centenas de outros seres vivos) e o mundo de construções que resultam da vontade e do pensamento [...]. Quase parece que não é o mesmo indivíduo que respira e que resolve um cálculo matemático. O que parece sim é que um indivíduo respira enquanto outro resolve um cálculo matemático, e é como se esses dois indivíduos (essas duas coisas) estivessem por acaso reunidos no mesmo espaço, no mesmo corpo, (p. 466-7).

Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. “Quando dois são três ou mais (Borges, Bioy, Bustos Domecq)” In: *O guardador de segredos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010;

BLOOM, Harold. *Angústia da Influência – Uma Teoria da Poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1991;

BORGES, Jorge Luis. *Esse Ofício do Verso*. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras: 2000;

_____. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras: 2007a;

_____. *Ficções*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras: 2007b;

_____. *O livro de areia*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras: 2009;

_____. *Nove ensaios dantescos & a memória de Shakespeare*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras: 2011;

_____. *Outras Inquisições*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras: 2012;

CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora – Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011;

OLMOS, Ana Cecília Arias. *Por que ler Borges*. São Paulo: Globo, 2008;

PIGLIA, Ricardo. *O Último Leitor*. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006;

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: RES, 1989.

STUDART, Júlia Vasconcelos. “O bairro, um projeto de crítica expandida”. In: *Alea*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 134-144, Junho 2012;

TAVARES, Gonçalo. *Biblioteca*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

_____. *Histórias Falsas*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

_____. *O Senhor Brecht*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

_____. *O Senhor Breton e a entrevista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

_____. *O Senhor Calvino*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

_____. *O Senhor Eliot e as conferências*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

_____. *O Senhor Henri e a enciclopédia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

_____. *O Senhor Juarroz*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

_____. *O Senhor Kraus*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

_____. *O Senhor Swedenborg e as investigações geométricas*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

_____. *O Senhor Valéry e a lógica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

_____. *O Senhor Waser*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

.....

Natanael Fernandes é Graduando em Letras na FFLCH/USP.
Foi bolsista do PIBIC pela RUSP com o projeto: “O Sr. Borges:
um mapeamento das relações de influência de J. L. Borges no
espaço-texto d’O Bairro de Gonçalo M. Tavares”.

A morte de um chinelo

Robson Deon

Num sentido utilitário,
digamos que um chinelo vive.
Logo, se ele vive, morre.

Então, analisamos como é a sua morte:
Quando morre sua morte exótica,
a sua morte jamais é solitária,
e nem pode acontecer sem ele estar vivendo,
como numa gaveta,
num canto atrás da porta
como que defendido da vida,
adoecido.

A sua morte só pode dar-se casada à vida.

E mais: sua morte é cheia de vida!
com os pés andando
calçado nele em justa afinidade,
entremeado de vida entre o dedão e o outro dedo,
sob o peso da vida da planta dos pés, estas que suportam ainda mais vida
estendida até a ponta dos cabelos.

Então,
repentinamente, sem aviso,
num susto,
atira arrebenta-se

e pronto,
– o chinelo morreu.

Ele prefere, ou é de sua natureza mesmo,
morrer em função,
com sua borracha
cheia de carne e músculo

se contorcendo a moda da curva
e da ginástica do passo.

Na morte de um chinelo
o calafrio da morte que entendemos não é visto:
é um suor de vida que cobre ele.

.....

Robson Deon é aluno da Universidade Tecnológica Federal
do Paraná (UTFPR). Seu e-mail para contato é [robson_deon@
hotmail.com](mailto:robson_deon@hotmail.com).

Poemas

Rafaela Nogueira

Sacada

Sempre admirei sacadas
Mas aquela em que você
Olhando as ruínas
Estendia a ansiedade
Se repetiu dentro de mim
Até tentar te abandonar

Mercosul

Capturo a vida urbana
como quem captura seus amantes
Arreio o olhar doce e convido o esconderijo
das sombras apagadas pelo sol a pino
Acabei de tirar meu passaporte do MERCOSUL
mas não sei se agora posso transladar
Eu terminei algo e comecei a me envolver
Não é que adverso o meio mar
Nem li a história para encher a mochila
Aqueles luzes de lá são homens fazendo acenos
Aqui na América feito escudo
a noite tem chegado pelo avesso

Arenques ao correr da lua

A moça me acorda sua madrugada
Cantando bêbada na varanda
É melhor do que galo
(sabendo que um galo sozinho não tece uma manhã)
E fogos para padroeiros no interior da sala
E se o feriado for somente a São Paulo
(um gato estrebuchado espanta uma manhã)
Agora posso dormir de boca aberta sem ter vergonha
Penso que vou passar o último mês contigo em Lisboa
Filtro o café com papel toalha enquanto ouço The Out field
Say it isn't so, tell me I'm the only one
Say it isn't so, without you I can't go on
E vai tudo amanhecer meu bem
Assim como vai entardecer
Depende do lugar e do que você sintonizar na sua rádio
E se a mesa da cozinha serve de bateria
E a gente finalmente tem uma banda de garagem

.....

Rafaela Nogueira Barbosa é estudante de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escreve no blog *Plaquette Poética*.

odara.labeledicao.com